

TERRAS QUENTES CADERNO 10

MAIO 13

EDIÇÕES:

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO
ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE MACEDO DE CAVALEIROS
"TERRAS QUENTES"
E CÂMARA MUNICIPAL DE MACEDO
DE CAVALEIROS



CAMPANHA 10

RESULTADOS PRELIMINARES DA CAMPANHA 10 (2012) NO SÍTIO DA FRAGA DO CORVOS (VILAR DO MONTE, MACEDO DE CAVALEIROS) – OS SECTORES A E M.

Jessica Represas Mestre em Arqueologia, jessicarepresas@gmail.com

João Carlos Senna-Martinez Centro de Arqueologia (Uniarq), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1600-214 Lisboa, Portugal. smartinez@fl.ul.pt

Elsa Luís Mestre em Arqueologia, Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), elsavluis@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende destacar os principais resultados, ainda que preliminares, dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos durante o mês de Agosto de 2012 no já conhecido sítio arqueológico da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). Nesta campanha foram continuados os trabalhos nos Sectores A e M (a decorrer desde 2003 e 2011, respectivamente).

A intervenção neste sítio arqueológico enquadra-se no âmbito do protocolo entre a Associação Terras Quentes (Macedo de Cavaleiros), a Câmara Municipi-

pal de Macedo de Cavaleiros e o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq). A continuidade do estudo arqueometalúrgico deste sítio enquadra-se ainda no âmbito do Projecto EarlyMetal (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008), financiado pela FCT.

Os trabalhos foram co-dirigidos pelos três signatários do presente artigo, apoiados por uma equipa em regime voluntário, composta pelos seguintes elementos:

ALEJANDRO MARTÍNEZ (ALUNO DA U. VIGO)

JOÃO MIGUEZ (ARQUEÓLOGO, FLUL)

MARÍA AGUILAR (LIC^a. EM HISTÓRIA, MÁLAGA)

NIREIDE TAVARES (ALUNA DA FLUL)

NUNO MONTEIRO (ALUNO DA FLUL)

PATRÍCIA CASTANHEIRA (ALUNA DA FLUL)

Tal como em campanhas anteriores, o alojamento, a alimentação, os transportes e o equipamento de campo foram assegurados pela Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “TERRAS QUENTES”, com apoio financeiro da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

O espólio será provisoriamente depositado nas instalações do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, sendo, após estudo, devolvido às instalações da Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros para depósito definitivo.

2. LOCALIZAÇÃO

O sítio arqueológico da Fraga dos Corvos localiza-se num esporão rochoso situado na vertente noroeste da Serra de Bornes, freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As suas coordenadas são 99 122,194 de Longitude e 203 403,721 de Latitude GAUSS, a 870,856m de Altitude (fig. 1). Para caracterização mais detalhada veja-se Senna-Martinez et. al. (2011).



FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO DA FRAGA DOS CORVOS NA CARTA MILITAR DE PORTUGAL 1/25000, FOLHA 78

3. RESUMO DOS RESULTADOS ANTERIORES

3.1. SECTOR A

O habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 em resultado de trabalhos de desmatção que o puseram em perigo e que justificaram uma primeira intervenção (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2004).

O espaço em que tem vindo a ser possível identificar níveis e estruturas correspondentes a esta etapa de ocupação constitui uma plataforma em declive suave, correspondente à parte noroeste do topo do cabeço, enquadrada a ocidente pela escarpa e a oriente por afloramentos que a separam do estradão que atravessa o “Monte do Vilar”, formando a área que designámos como Sector A.

No final da nona campanha (2011), o Sector A apre-

sentava já uma área total aberta de 137m², dos quais 36m² correspondem à Sondagem 3, escavada entre 2003 e 2005 (Senna-Martinez, et al. 2010), enquanto 101m² correspondem à Sondagem 2 em continuidade de intervenção desde 2003. As evidências recuperadas configuram parte de um habitat evidenciando restos de diversas estruturas, incluindo 18 cabanas sub-circulares ou elipsoidais, distribuídas por 6 a 7 fases de ocupação.

As cabanas identificadas, pertencentes às três primeiras fases, apresentam diferentes diâmetros, podendo ser agrupadas em 2 grandes conjuntos. O primeiro (Cabanas 2, 3, 7, 8, 9, 10 e 12) apresenta cerca de três metros de diâmetro, sendo as cabanas delimitadas

por 13 a 14 buracos de poste perimetrais e um central, de maior diâmetro; o segundo engloba as de tipo elipsoidal (Cabanas 4 e 5), portanto maiores, como é o caso da Cabana 4, com eixos de 4m por 3,2m, delimitada por 20 buracos de poste perimetrais, apresentando também um central, equivalente aos das demais cabanas, e o da Cabana 5, aparentemente a maior de todas, com eixos que poderão ter atingido 4,6m por 4,3m e limitada por 21 buracos de poste perimetrais e seis interiores, apenas foi totalmente definida na campanha de 2006.

Nas fases quatro a sete – correspondentes aos estratos U.Es. [287, 151, 467/623 e 627], além de estruturas negativas que os cortam e respectivos preenchimentos – embora se tenham reconhecido buracos de poste e fossas/lareiras que se detectam a partir das suas interfaces superiores, estes não permitem definir plantas de algo que se possa designar como “cabana”. Nas duas últimas fases, a utilização de pedra para estruturar lareiras e buracos de poste (formando calços) configura uma sequência estratigráfica mais complexa (cf. Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012).

3.2. SECTOR M

Como já foi enunciado no relatório prévio (trabalhos no Verão de 2011), a sondagem “M” foi implantada na plataforma artificial definida pela muralha em talude com o objectivo de caracterizar o povoamento associado a essa mesma estrutura, a sua cronologia, e a sua relação com o Sector A. Assim, o objectivo primeiro da campanha de 2011 pautou-se pelo diagnóstico da potência estratigráfica conservada, facto que determinou a delimitação de duas áreas fisicamente independentes; uma sobranceira à muralha propriamente dita, e uma outra mais a Norte, numa área relativamente central da plataforma. A

De particular importância resulta a confirmação de que o espaço original de estabelecimento, instalado directamente sobre o substrato rochoso, parece ter sido cuidadosamente limitado por dois “muros” de pedra vã empilhada, separando a área habitada respectivamente: (1) a oeste o muro U.E. [624] interpondo-se em relação às fragas que limitam desse lado o espaço ocupável e provavelmente permitindo conter e desviar para a vertente norte águas de origem pluvial; (2) a norte o muro U.E. [679] define um soalco na vertente constituindo o limite entre as U.Es. [151] e [157]. Os factos de: (1) a U.E. [151] recobrir parcialmente este muro e assentar directamente sobre os xistos desagregados do substrato; (2) enquanto a vala de fundação do muro U.E. [624] é definida a partir da interface superior da U.E. [627] (ou seja, a edificação desta estrutura foi elaborada num momento em que este piso já se encontrava colocado) permitem associar a construção destas estruturas aos momentos iniciais de estabelecimento no local. Em 2011 ficava ainda por esclarecer a sequência estratigráfica do topo norte da área da Sondagem 2, ou seja a sul do muro U.E. [679].

compreensão do potencial estratigráfico conservado motivou, posteriormente, o investimento em área no Sector M, e a identificação de várias unidades estratigráficas, positivas e negativas, que se puderam agrupar em três grandes “fases”, que dirão respeito aos momentos finais da Idade do Bronze e, eventualmente, o arranque da Idade do Ferro. A importância estratégica do Sector M prende-se exactamente com a possibilidade de compreensão do Bronze Final e, concretamente, desta fase transicional, muito obscura no panorama regional.

4. RESULTADOS DA PRESENTE CAMPANHA

4.1. RESULTADOS GLOBAIS DO SECTOR A

As intervenções de 2011 e 2012 vieram permitir resolver alguns problemas de interpretação estratigráfica, na Sondagem 2, que se vinham a por no seu limite norte desde o início do estudo deste arqueossítio.

A questão central era a das relações entre as U.Es. [151] e [157] uma vez que, ao longo do que viemos a verificar ser o topo da U.E. [679], não era clara uma interface de contacto entre ambas uma vez que aí a

espessura da U.E. [151] era diminuta. Foi esta uma das razões por que, juntamente com a necessidade de abordarmos esta área numa frente larga, desde 2004 mantivéramos esta área sob reserva, para a escavarmos apenas quando a área a sul do muro U.E. [679] estivesse clarificada, o que apenas se verificou em 2011.

Assim tornou-se claro em 2011, o que a intervenção de 2012 mantém, que para sul da U.E. [679] se encontra a U.E. [582], ou seja, apenas a desagregação do substrato geológico, enquanto para norte podemos confirmar a presença uma sequência estratigráfica pelo menos em parte claramente antrópica.

Em primeiro lugar, a U.E. [157] – delimitada a sul pelo “muro” U.E. [679] e a norte por um outro murete de contenção de terras, já identificado em 2004 como a U.E. [50] – é afectada por uma raiz de castanheiro que destruiu parcialmente esta unidade numa área de cerca de 2m² (quadrados O/P/14 –

U.Es. [645/646]). Da U.E. [646], junto a raízes secundárias, provém uma ponta (de punhal?) em ferro (FCORV-A 4052), um fuzilhão de fibula (FCORV-A 4092) e um anel metálicos (FCORV-A 4093).

A U.E. [157] foi integralmente escavada, revelando uma nova camada, a U.E. [651], em cuja interface superior se abre uma fossa de grandes dimensões U.E. [652/653] apoiada no murete [679]. Do seu preenchimento apenas recuperámos dois fragmentos de olaria.

Sob esta camada surge novo estrato, a U.E. [678] (Figura 2) a partir de cuja interface superior se define a vala de construção – U.E. [683] – do muro U.E. [50] (Figura 3). Da U.E. [678] provém uma agulha de bronze (?) de grandes dimensões (FCORV-A 4051) e do enchimento da vala – U.E. 684 – provém outra agulha (FCORV-A 4122) e o pé de uma fibula (FCORV-A 4139), aparentemente em bronze.

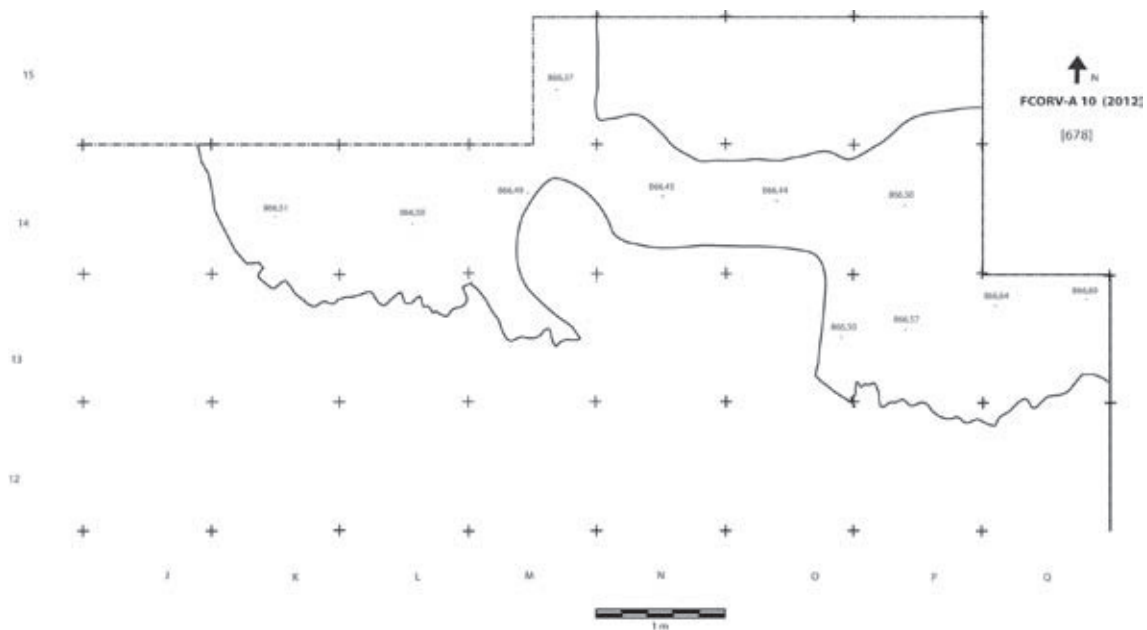


FIGURA 2 – PLANTA DA U.E. [678], SECTOR A.

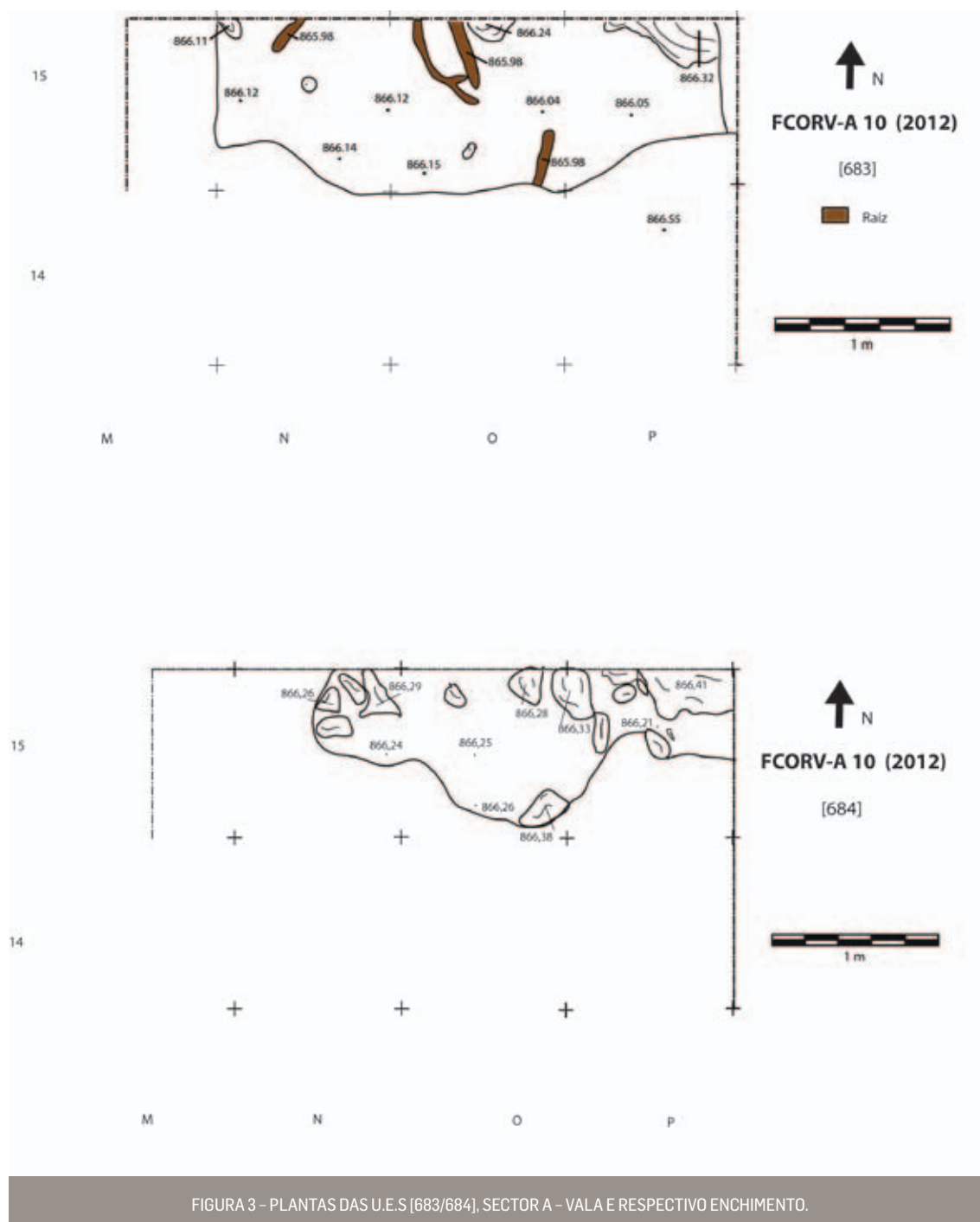


FIGURA 3 - PLANTAS DAS U.E.S [683/684], SECTOR A - VALA E RESPECTIVO ENCHIMENTO.

Sob a U.E. [678] surge novo estrato – U.E. [685] – igualmente afectado pela vala de construção do muro [50]. Dele provêm uma terceira agulha (FCORV-A 4150) e uma barrinha metálica (FCORV-A 4149 – (Figura 4).

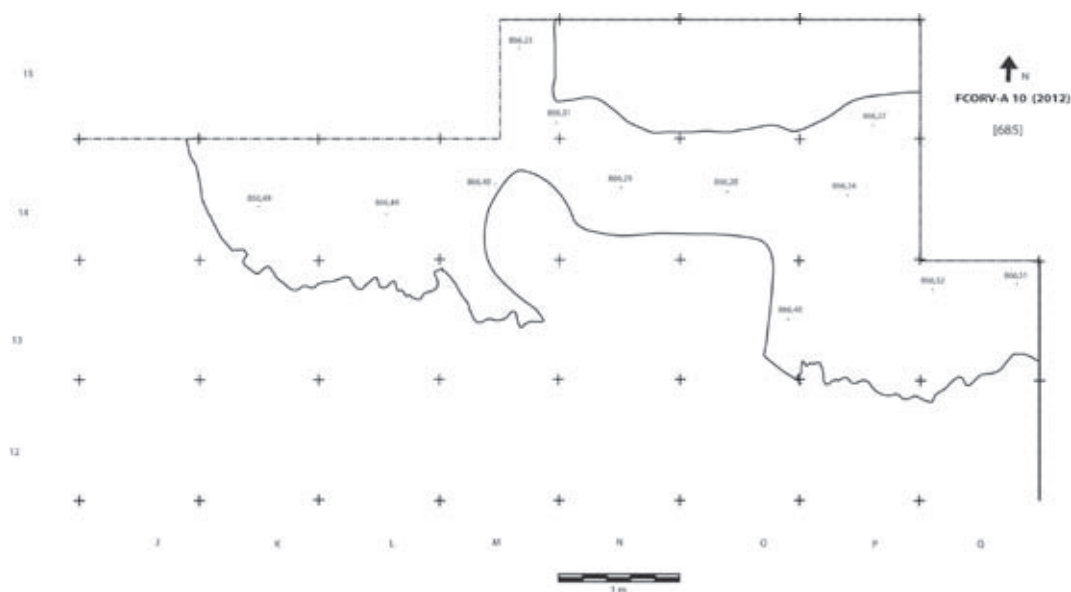


FIGURA 4 – PLANTA DA U.E. [685], SECTOR A

Sob a U.E. [685] detectou-se nova camada – U.E. [686] – cuja escavação não foi concluída tendo sido apenas desenhada a planta da sua interface superior (Figura 5).

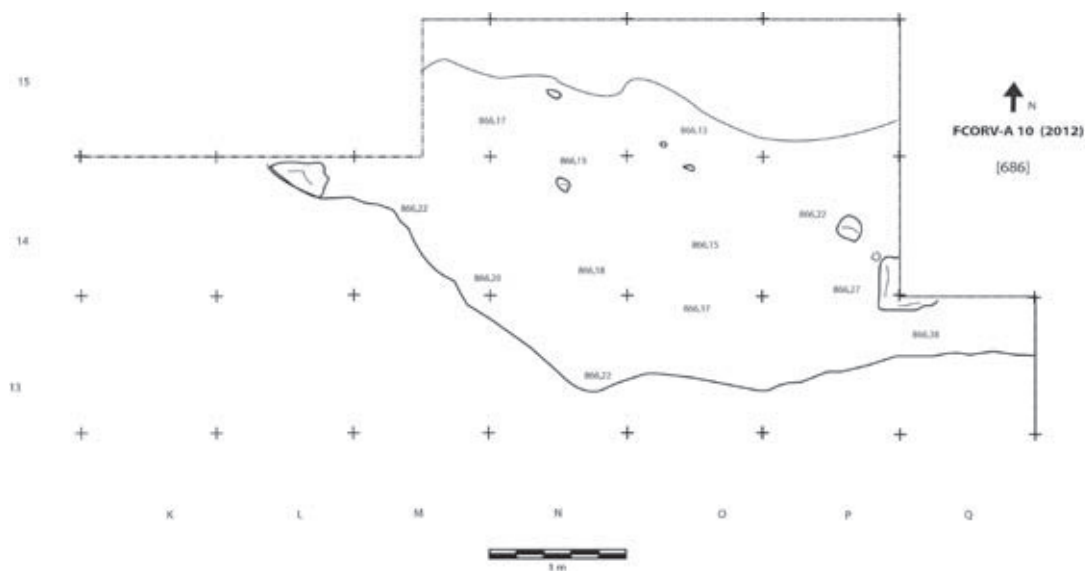


FIGURA 5 – PLANTA DA U.E. [686], SECTOR A.

O estudo, em curso, dos materiais dos estratos [157, 651, 678, 684, 685] sugere uma reinterpretação do conjunto de buracos de poste que, atravessando a U.E. [157], configuram o que designámos de “Cabana 1”. As terras que sobrepunham a U.E. 157 apresentavam baixa consistência (incluindo evidências de erosão superficial) e uma fraca potência, que não ultrapassava os 5cm desaparecendo nos quadrados 14/L/I. Pensámos inicialmente tratar-se da U.E. [109] que se apresentava mais compacta e preservada no que viemos a verificar ser a área a sul do muro U.E. [679]. Dado que apenas a partir de 2011 foi claro o papel estruturador do espaço desempenhado por esta última estrutura, só então foi possível por em questão tal atribuição estratigráfica. Estamos em crer agora que estas terras podem provir de níveis conservados a sul do muro e que a erosão arrastou vertente abaixo e que passaremos a designar U.E. [687].

A análise em curso, incluindo a revisão de materiais recuperados em 2003/2004, dos fragmentos cerâmicos provenientes desta sequência de estratos veio revelar que um fragmento de bordo de uma “taça Cogeces” (FCORV-A 5) recolhido em 2003 na U.E. [687], cola com outro (FCORV-A 755) proveniente da interface entre as U.Es. [151/152], pelo que a própria lei da gravidade implica a forte possibilidade de ser o primeiro que se encontra deslocado. Acresce que, respectivamente das U.Es. [157] e [651], provêm dois outros fragmentos (respectivamente FCORV-A 3335 e 3892) que podem pertencer à mesma peça. Configura-se, assim, uma longa história de escorrências que parecem ter ajudado a constituir em época já avançada, a ter em conta os materiais metálicos do Bronze Final ou mesmo já Idade do Ferro, os estratos depositados a norte do muro U.E. [679].

O facto do muro U.E. [679] se configurar cada vez mais como o revestimento de uma escarpa do afloramento de base coloca-nos a questão de não podermos saber, pelo menos no estado actual da intervenção, se a sua construção precede o estabelecimento mais antigo ou se representa uma alteração na configuração do espaço em momento posterior, eventualmente do Bronze Final/Idade do Ferro.

4.1.2 Materiais do Sector A

Os materiais arqueológicos exumados na campanha de 2012 apresentam notórias e significativas diferenças face ao já conhecido para o Sector A e constituem o factor essencial para uma revisão da atribuição cronológica da área intervencionada a norte do muro U.E. [679], como acima mencionado.

São essencialmente os artefactos metálicos que enunciaram uma cronologia mais recente para a área norte do Sector A, que ainda se encontram em estudo. Deste conjunto fazem parte quatro agulhas (três inteiras e uma fragmentada), dois anéis ou espátulas dobradas, um é de uma fíbula e uma barrinha, todos provavelmente em bronze e ainda uma ponta (de punhal?) em ferro. A tipologia destes artefactos é incompatível com ambientes de Bronze Médio, cronologia avançada para toda a restante área do Sector A; são, no entanto, plausíveis de colocar em relação com a ocupação mais tardia do cabeço, associável ao sector M – Bronze Final/Idade do Ferro. Só com uma análise mais exaustiva e com a procura de paralelos destes materiais se poderá mais seguramente integrá-los no seu contexto crono-cultural.

No que diz respeito ao espólio cerâmico, as considerações aqui tecidas são preliminares na medida em que este ainda se encontra em processamento. Foram exumados 99 fragmentos de recipientes cerâmicos, entre os quais fragmentos de bordos, bojos decorados, bases e carenas. Todos apresentam fabrico manual e, à primeira vista, pastas depuradas e com bons acabamentos (Figura 6).



FIGURA 6 – FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO FCORV-A 4148, TAÇA CARENADA.

No que pudemos observar, os motivos decorativos são extremamente escassos apresentando, também estes, relações estreitas com os motivos já conhecidos para o Sector M. Destaca-se assim o fragmento FCORV- A 4201, com decoração elaborada através



FIGURA 7 – FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO FCORV-A 4201, BOJO DECORADO.

da técnica “penteada” (Figura 7); e o fragmento FCORV-A 4174 com motivo elaborado através da impressão de uma matriz circular (provavelmente uma cana) sequencial ao longo da pança do recipiente (provavelmente) (Figura 8).



FIGURA 8 – FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO FCORV-A 4174, BOJO DECORADO.

Foram igualmente recolhidos dois artefactos cerâmicos, redondos e com perfuração no centro, tradicionalmente considerados como cossoiros ou como contas (devido ao seu pequeno tamanho). Um deles apresentava decoração no topo, pequenos pontos impressos acompanhando a circunferência da peça.

Resta acrescentar que, tal como em campanhas anteriores, o espólio lítico é tendencialmente escasso, sendo composto por seixos rolados, fragmentos de granito (alguns com vestígios de polimento) e um fragmento de pedra polida com uma perfuração.

4.2 RESULTADOS GLOBAIS – SECTOR M

Como já foi referido anteriormente, a Campanha de 2012 foi significativamente mais curta que a precedente, o que obrigou a um reajuste dos objectivos inicialmente estabelecidos. Estas limitações temporais, aliadas à relativa escassez de recursos humanos, obrigaram à adopção de novas estratégias de intervenção, nomeadamente a interrupção da escavação da totalidade dos depósitos pela ordem inversa à sua deposição em toda a área da sondagem. Foram, assim, definidos três blocos independentes de escavação, para que se pudesse rentabilizar o trabalho no tempo e com os meios disponíveis.

Assim, foi delimitada uma área a Norte, onde se prosseguiu com a escavação das U.E.s sobre [10026],

[10073] e [10076], que correspondem a possíveis pisos relacionados com a última fase de ocupação da plataforma.

Iniciou-se a remoção de [10026], a partir de Sul, até ao limite da zona a Norte individualizada. Confirmou-se a sua sobreposição relativamente a [10043], e foram postas a descoberto novas realidades estratigráficas, estruturais e sedimentares, nomeadamente [10078], [10079] e [10080], aglomerados pétreos possivelmente estruturados. Foi, ainda, entre [10078] e [10079], identificada a U.E. [10077], depósito muito escuro e humoso, com materiais arqueológicos abundantes (Figura 9).

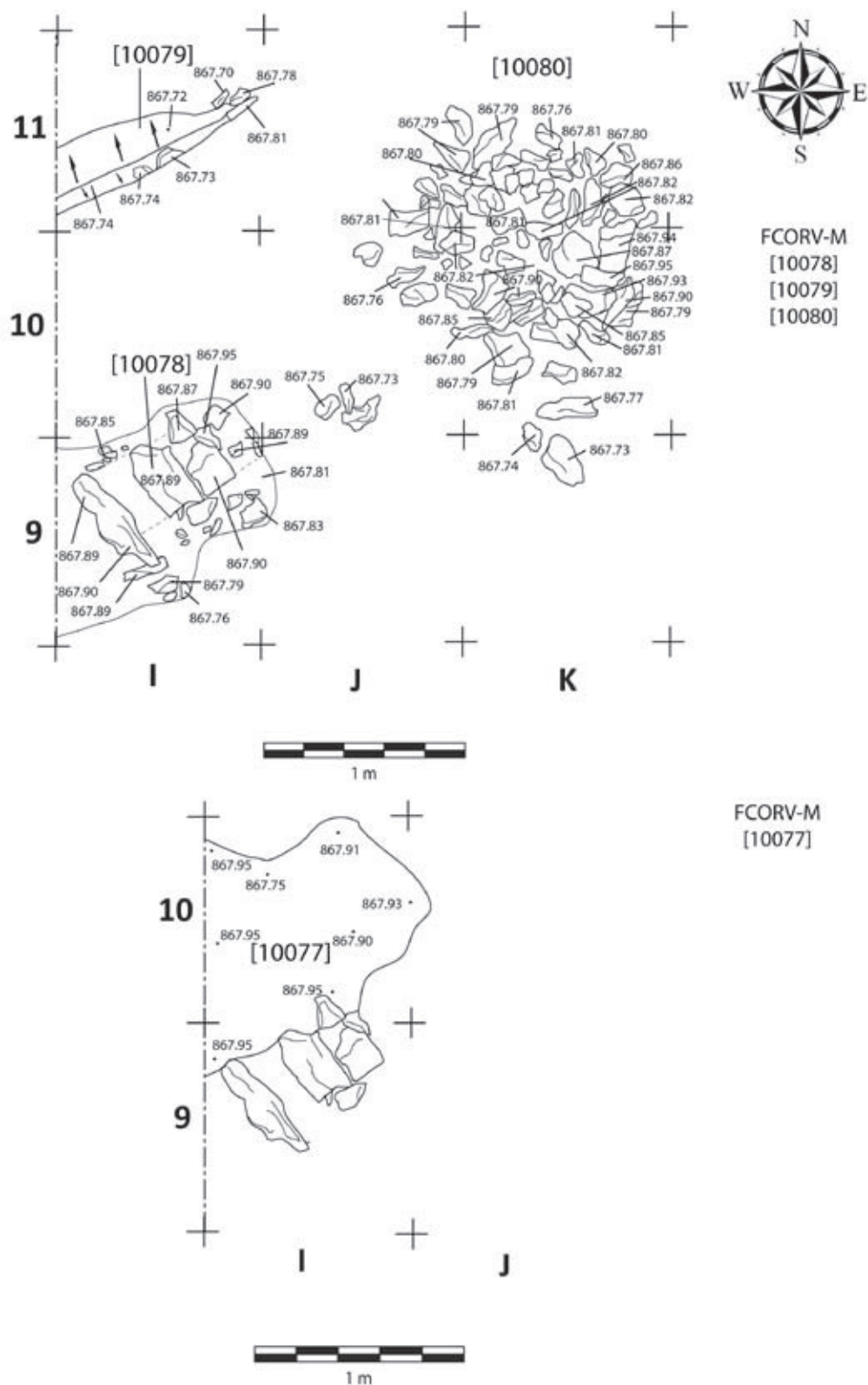


FIGURA 9 – PLANTA DAS U.E.S [10077; 10078; 10079; 10080], SECTOR M

Foi, após a remoção de [10026], delimitada uma outra área a Sul - 10m2, nos quadrados I5, I6, J5, J6, K5, K6, L5, L6, M5 e M6, onde se iniciou a escavação de [10043], cuja relação estratigráfica com as unidades precedentes estava perfeitamente estabelecida. A limpeza e escavação desta U.E. permitiu compreender que as estruturas negativas identifica-

das em 2011 - [10017], [10023] e [10049] - correspondem a uma única vala, resultante das actividades de plantio já descritas (Figura 10). Foram as irregularidades do seu topo que resultaram na errada definição de valas múltiplas. Confirmou-se a abundância de material osteológico que caracteriza este depósito.

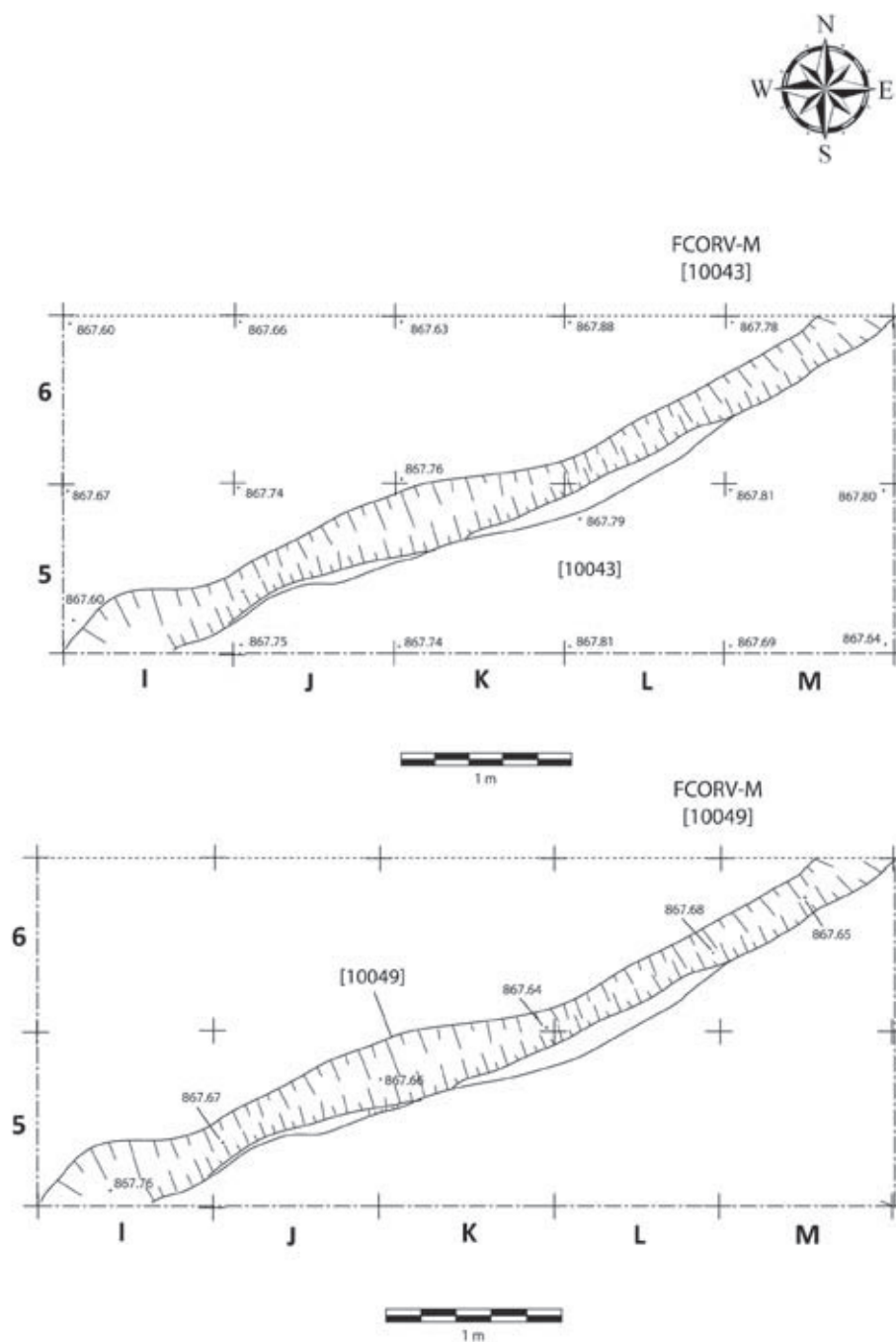


FIGURA 10 – PLANTA DAS U.E.S [10043; 10049], SECTOR M.

Assim, para além do progresso na escavação das U.E.s anteriormente identificadas, a campanha de 2012 confirmou a existência, sob [10026], de realidades ocupacionais complexas perfeitamente conservadas, que importa averiguar no futuro. O abundante

espólio, cerâmico, metálico e osteológico, e a evidência do recurso à pedra na estruturação do espaço, levam-nos a crer que aflorámos agora o topo da mais expressiva fase de ocupação da plataforma do Sector M (Figura 11).



FIGURA 11- ASPECTO GERAL DOS TRABALHOS NO SECTOR M.

4.2.1 MATERIAIS DO SECTOR M

Os materiais recolhidos no decorrer desta Campanha não diferem do panorama artefactual já traçado na Campanha de 2011.

O conjunto cerâmico exumado é na sua totalidade de produção manual, com características formais e de

fabrico com assinaláveis continuidades relativamente ao Sector A. No que diz respeito às produções “de excepção”, destaca-se a recuperação de novos fragmentos com decoração “penteada”, muito frequentes no panorama do Bronze Final / Ferro Inicial da Meseta¹ (Figuras 12, 13, 14).

¹ A importância desta ocorrência será oportunamente discutida noutro lugar.



FIGURA 12- FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO FCORV-A 4201, BOJO DECORADO.



FIGURA 14- FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO FCORV-A 4201, BOJO DECORADO.



FIGURA 13 - FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO FCORV-M 11233, BORDO DE RECIPIENTE DE GRANDES DIMENSÕES.

Quanto ao espólio metálico, importa destacar a recuperação de dois novos fragmentos de fibulas, um é e arco completos de tipo Acebuchal de pequenas dimensões e uma mola bilateral, morfologicamente semelhantes ao restante conjunto recuperado anteriormente, e que compreende objectos de fabrico aparentemente local (Senna-Martinez, et al., no prelo); adaptações de modelos mediterrânicos. Foi ainda exumado, da U.E. [10026], um punção de ferro aguçado nas duas extremidades.

É também de sublinhar a quantidade assinalável de espólio osteológico (fauna), recuperado da U.E.

[10043], a partir do qual se poderá traçar, no futuro, um quadro ilustrativo dos hábitos alimentares destas comunidades humanas, bem como proporcionar datações radiométricas do Sector M.

As características do espólio recuperado durante a Campanha de 2012 permitem manter o intervalo cronológico anteriormente proposto para este Sector (séculos VIII - VI / V a.C.), recobrando eventualmente, em termos “históricos” regionais, a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro.

5. CONCLUSÕES

No final da décima campanha de intervenção neste sítio de habitat podemos dar por terminada a escavação do Sector A no que respeita à sua ocupação mais antiga, estando assim em condições para produzir num futuro próximo um respectivo volume monográfico.

Outra situação é a que respeita a ocupações posteriores à Primeira Idade do Bronze. Inicialmente com vestígios identificados perifericamente em contextos

secundários no Abrigo 2 e no Sector A, a abertura do Sector M e a intervenção no topo Norte do Sector A veio revelar o enorme potencial de resposta deste arqueossítio face a questões sobre o Bronze Final e início da Idade do Ferro regionais.

Assim perspectiva-se para 2013 a conclusão da intervenção no topo norte do Sector A e a continuação do esforço principal agora definitivamente dirigido para as realidades detectadas e a detectar no Sector M.

Bibliografia

- LUÍS, E.; REPRESAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2012) – A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A Campanha 9 (2011). Primeira análise comparativa dos Sectores A e M – I Idade do Bronze / Bronze Final? Cadernos Terras Quentes, 9, p. 15-53.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. e CARVALHO, H. A. (2004) – A Fraga dos Corvos: Um Caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros. Cadernos Terras Quentes, 1, p.32-58.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2011) – First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site. In: MARTINS, C.; BETTENCOURT, A. M. S.; MARTINS, J. I. F. P. & CARVALHO, J. (eds.) Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010. Braga: CITCEM, APEQ, p.377-390.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A.; ARAÚJO, M. F.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2010) – «Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). In: A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (Eds.) Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe. BAR International Series 2058. Oxford. Archaeopress. p.111-117
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; REPRESAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M. F. e SILVA, R. J. (no prelo) – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. O Arqueólogo Português. 2012.